


Agora uma superprodução com
Nicole Kidman e Daniel Craig



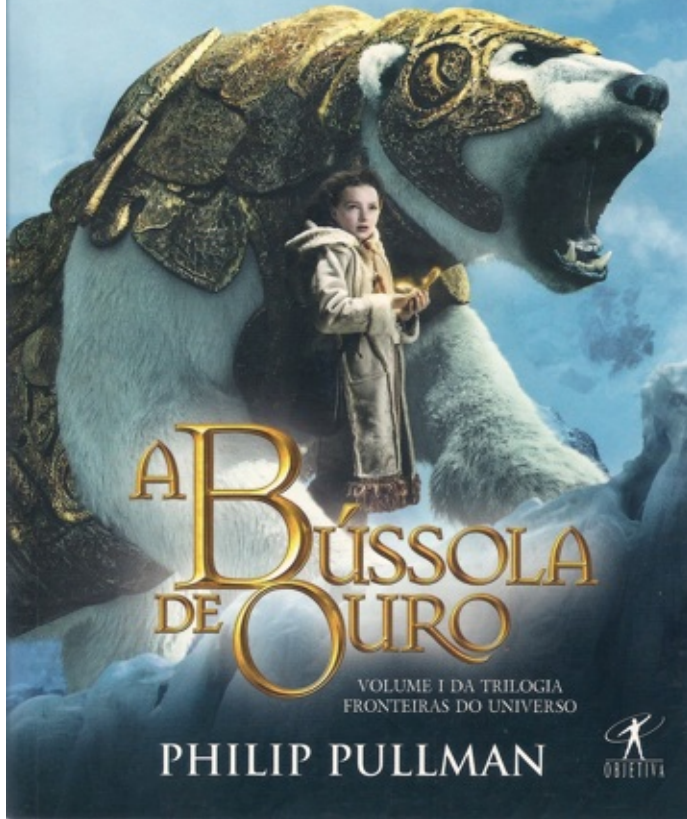
A BÚSSOLA
DE OURO

VOLUME I DA TRILOGIA
FRONTEIRAS DO UNIVERSO

PHILIP PULLMAN



Agora uma superprodução com
Nicole Kidman e Daniel Craig



A BÚSSOLA DE OURO

VOLUME I DA TRILOGIA
FRONTEIRAS DO UNIVERSO

PHILIP PULLMAN



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do

***conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo
nível."***

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

Primeira Parte

OXFORD

1 A GARRAFA DE TOKAY

LYRA e seu daemon¹ atravessaram o Salão, já bastante escuro, tomando cuidado para seguirem junto à parede, fora de vista da Cozinha. As três mesas grandes ao longo do Salão já estavam arrumadas e os bancos compridos estavam afastados, esperando os comensais. No alto, ao longo das paredes, os retratos de antigos Reitores estavam na penumbra. Lyra chegou ao tablado e voltou-se para olhar a porta aberta da Cozinha; não vendo ninguém, subiu para junto da mesa principal.

Ali os talheres eram de ouro, não de prata, e os 14 lugares não eram num banco de carvalho, mas sim em cadeiras de mogno com almofadas de veludo. Lyra parou junto à cadeira do Reitor e deu um peteleco de leve na taça maior; o som percorreu todo o Salão.

- Você está de brincadeira. Comporte-se! - cochichou o daemon.

O nome do daemon era Pantalaimon, e, no momento, ele tinha a forma de uma mariposa marrom para não se destacar na penumbra do Salão.

- Lá na Cozinha estão fazendo barulho demais – Lyra cochichou de volta. - E o Administrador só aparece depois do primeiro sino. Deixe de ser ranzinza.

Mas, em todo caso, ela colocou a palma da mão sobre o cristal que vibrava; Pantalaimon esvoaçou à frente dela, atravessando a extensão do tablado, e entrou pela porta entreaberta da Sala Privativa, no outro extremo. Logo depois tornou a aparecer.

- Está deserta - sussurrou. - Mas temos que agir depressa.

Quase agachada, escondida pela mesa, Lyra venceu rapidamente a distância e entrou na Sala Privativa, onde tornou a ficar de pé e olhou em volta. A única luz vinha da lareira; a pilha de lenha em brasa desabou enquanto ela estava olhando, fazendo subir uma coluna de faíscas pela chaminé. Ela havia passado a maior parte da vida na Faculdade, mas nunca tinha visto a Sala Privativa; só os Catedráticos e seus convidados podiam entrar ali, e nunca uma mulher. Nem as criadas entravam para limpar; esse trabalho só quem fazia era o Mordomo.

Pantalaimon acomodou-se no ombro dela.

- Está satisfeita agora? Podemos ir? - cochichou.

- Não seja medroso! Ainda quero dar uma espiada!

Era uma sala ampla, com uma mesa oval de madeira vermelha encerada e sobre ela várias garrafas e taças de cristal, e uma tabaqueira de prata com uma pequena estante de cachimbos.

Num aparador vizinho, havia um pequeno aquecedor de pratos e uma cesta com botões de papoula.

- Eles se tratam bem, hein, Pan? - ela comentou baixinho.

E foi sentar-se numa das poltronas de couro verde, tão funda que ela ficou quase deitada, mas endireitou-se e encolheu as pernas. Depois pôs-se a examinar os retratos nas paredes: mais Catedráticos, com certeza; barbados e melancólicos, de dentro de suas molduras, eles lançavam olhares de solene desaprovação.

- Que acha que eles conversam aqui? - a garota perguntou, ou começou a perguntar, pois, antes de terminar a frase, ela ouviu vozes do lado de fora da porta.

- Para trás da poltrona. Depressa! - sussurrou Pantalaimon.

Como um raio, Lyra pulou da poltrona e foi se esconder atrás dela. Não era o melhor esconderijo: ela havia escolhido logo a poltrona que ficava bem no meio da sala, e se não ficasse quietinha...

A porta se abriu, e a iluminação da sala mudou: um dos recém-chegados trazia uma lamparina, que ele colocou sobre o aparador. Lyra via as pernas dele, as calças verde-escuro e os sapatos pretos bem encerados: um criado.

Então uma voz grossa perguntou:

- Lorde Asriel já chegou?

Era o Reitor. Lyra prendeu a respiração ao ver o daemon do criado (um cão, como os daemons de todos os criados) entrar trotando e sentar-se em silêncio aos pés dele, e então os pés do Reitor ficaram visíveis também, metidos nos sapatos velhos que ele sempre usava.

- Não, Reitor - disse o Mordomo. - Também não chegou notícia das Docas Aéreas.

- Imagino que ele vai chegar com fome. Leve-o direto para o Salão, está bem?

- Está bem, Reitor.

- E já separou um pouco do Tokay especial?

- Já, sim, Reitor. O 1898, como o senhor mandou. Lorde Asriel aprecia muito essa safra, se bem me lembro.

- Ótimo. Agora vá, por favor.

- Vai precisar da lamparina, Reitor?

- Sim, pode deixá-la aí. Durante o jantar, venha ajeitar o pavio, está bem?

O Mordomo fez uma mesura leve e virou-se para sair, e seu daemon seguiu-o obedientemente. De seu precário esconderijo, Lyra ficou observando enquanto o Reitor ia até um grande armário de carvalho a um canto da sala, tirava a sua beca de um cabide e vestia-a com dificuldade - o Reitor tinha sido um homem muito forte, mas agora tinha bem mais de 70 anos e seus movimentos eram rígidos e lentos. O daemon do Reitor era uma fêmea de corvo, e assim que ele terminou de vestir a túnica o daemon saltou de cima do armário e foi se acomodar no seu lugar de costume: o ombro direito dele.

Lyra sentia a aflição de Pantalaimon, embora este não emitisse um único som. Ela própria estava achando delicioso aquele friozinho na barriga...

Lorde Asriel, o visitante mencionado pelo Reitor, era tio dela, um homem a quem ela muito admirava... e temia. Diziam que ele estava envolvido em altas políticas, explorações secretas, guerras distantes, e ela nunca sabia quando ele ia aparecer. Ele era muito bravo; se a apanhasse ali, ela seria severamente castigada, mas conseguiria aguentar.

Porém, o que ela viu em seguida mudou completamente as coisas.

O Reitor tirou do bolso um papel dobrado e colocou-o sobre a mesa. Tirou a rolha de uma garrafa que continha um vinho quase dourado, desdobrou o papel e deixou cair lá dentro um jorro fino de pó branco; depois amassou bem o papel e jogou-o no fogo da lareira. Então tirou um lápis do bolso e mexeu o vinho até dissolver todo o pó, e depois recolocou a rolha.

Seu daemon soltou um grasnido curto; o Reitor respondeu num murmúrio, e olhou em volta com os olhos semicerrados e severos, antes de sair pela porta por onde tinha entrado.

Lyra cochichou:

- Viu isso, Pan?

- Claro que vi! Agora saia depressa, antes que o Administrador chegue!

Mas, enquanto ele falava, ouviu-se um sino tocando uma badalada na outra ponta do Salão.

- É o sino do Administrador! - Lyra exclamou. -Pensei que a gente ia ter mais tempo...

Pantalaimon esvoaçou até a porta do Salão e voltou correndo.

- O Administrador já está lá - avisou. - E você não vai poder sair pela outra porta...

A outra porta, aquela por onde o Reitor tinha entrado e saído, abria-se para o movimentado corredor entre a Biblioteca e a Sala de Estar dos Catedráticos. A essa hora do dia, esse corredor estava cheio de homens indo vestir suas becas para o jantar, ou correndo para deixar papéis ou pastas na Sala de Estar antes de ir para o Salão; sabendo disso, Lyra tinha planejado sair por onde entrara, contando com mais alguns minutos antes do sino do Administrador.

Se ela não tivesse visto o Reitor colocar aquele pó no vinho, poderia até ter desafiado a cólera do Administrador ou tentado passar despercebida no corredor movimentado. Mas estava confusa, e isso fez com que hesitasse.

Então ouviu passos pesados sobre o tablado: era o Administrador vindo verificar se a Sala Privativa estava pronta, com as papoulas e o vinho que os Catedráticos beberiam depois do jantar. Lyra correu para o armário de carvalho, abriu-o e escondeu-se lá dentro, puxando a porta bem no momento em que o Administrador entrou.

Ela não se preocupou com Pantalaimon: a sala era toda de cores escuras, e ele podia muito bem entrar debaixo de uma poltrona.

Ela escutou o resfolegar forte do Administrador e, pela fresta da porta, viu-o ajeitar os cachimbos na estantezinha junto à tabaqueira, lançando um olhar de relance para os frascos de bebida e as taças. Depois alisou os cabelos sobre as orelhas com ambas as mãos e disse algo ao seu daemon. Era um criado, de modo que ele era uma cadela; mas um criado de alta categoria, de modo que o cão também era superior - um setter vermelho.

O daemon parecia suspeitar de alguma coisa e ficou olhando em volta como se sentisse uma presença intrusa, mas não foi até o armário, para grande alívio de Lyra.

Ela temia muito o Administrador, que duas vezes lhe dera uma sova.

Lyra ouviu um sussurro bem fraquinho; obviamente Pantalaimon tinha se enfiado no armário.

- Agora vamos ter que ficar aqui. Por que você nunca escuta o que eu digo?

Lyra só respondeu depois que o Administrador saiu. Cabia a ele supervisionar os que serviam a mesa principal; ela ouviu os Catedráticos entrando no Salão, o murmúrio de vozes, o arrastar de pés.

- Ainda bem que não escutei - ela cochichou em resposta. - Senão não teríamos visto o Reitor colocar veneno no vinho.

Pan, era o Tokay que ele tinha pedido ao Mordomo! Vão assassinar Lorde Asriel!

- Você não sabe se aquilo é veneno.

- Claro que é! Você não se lembra? Ele esperou o Mordomo sair da sala; se fosse inocente, não se importaria que o Mordomo visse. E eu sei que está acontecendo alguma coisa.

Alguma coisa política. Os criados só falam sobre isso. Pan, nós podíamos impedir um assassinato!

- Nunca ouvi tamanha bobagem - cortou ele. –Como acha que vai conseguir ficar quatro horas imóvel neste armário apertado? Deixe que eu vá vigiar o corredor; quando estiver deserto, eu aviso.

Ele voou do ombro dela, e ela viu a sombra minúscula aparecer na fresta

de luz.

- Não adianta, Pan, vou ficar aqui - declarou. - Há outra túnica ou sei lá o que aqui dentro; vou colocar isto no chão do armário e me acomodar. Tenho que ver o que eles fazem!

Até então ela estava agachada; ficou em pé com cuidado, tateando à procura dos cabides para não fazer barulho, e descobriu que o armário era maior do que pensara. Havia várias becas acadêmicas e capuzes, alguns orlados de pele, a maioria com forro de seda.

- Será que são todos do Reitor? - ela sussurrou. - Quando ele recebe diplomas honorários de outros lugares, talvez eles lhe deem becas que ele guarda aqui para usar... Pan, você acha mesmo que aquilo no vinho não é veneno?

- Não; assim como você, eu acho que é veneno. E acho que isso não é da nossa conta.

E acho que interferir seria a mais idiota de todas as coisas idiotas que você já fez na sua vida. Não temos nada a ver com isso.

- Não seja estúpido! - Lyra exclamou. - Não posso ficar aqui sentada vendo darem veneno a ele!

- Então vá para outro lugar.

- Você é um covarde, Pan.

- Claro que sou. Posso perguntar o que você pretende fazer? Vai dar um salto e arrancar a taça dos dedos trêmulos dele? Qual é a sua ideia?

- Não tenho ideia, e você sabe muito bem - ela respondeu em voz baixa. - Mas agora que vi o que o Reitor fez, não tenho escolha. Pensei que você conhecesse a existência da consciência. Sabendo o que vai acontecer, como é que eu posso ir me sentar na Biblioteca ou em qualquer outro lugar e ficar tamborilando os dedos? Isso eu não pretendo fazer, juro!

- Era isso que você queria o tempo todo - ele disse depois de um momento.
- Queria se esconder aqui e assistir a tudo. Por que eu não percebi antes?

- Está certo, eu quero mesmo - ela confessou. - Todo mundo sabe que eles vêm fazer uma coisa secreta. Têm um ritual, ou alguma coisa assim. E eu só queria saber o que é.

- Não é da nossa conta! Se eles querem ter seus segredinhos, você devia apenas se sentir superior e deixá-los em paz. Esconder-se, espiar, tudo isso é coisa de criança boba.

- Sabia que você ia dizer isso. Agora pare de resmungar.

Os dois ficaram em silêncio por algum tempo, Lyra desconfortável no chão duro do armário e Pantalaimon pousado num cabide com ar contrariado, vibrando suas antenas temporárias.

Lyra sentia vários pensamentos brigando dentro da sua cabeça e adoraria poder compartilhá-los com o seu daemon, mas era também orgulhosa e achou melhor tentar clarear os pensamentos sem a ajuda dele.

O que predominava era a aflição, e não por si própria - de tanto passar por situações difíceis, já estava acostumada. Dessa vez, estava aflita por causa de Lorde Asriel, e do que aquilo tudo queria dizer. Ele não costumava visitar a Faculdade, e o fato de estarem numa época de alta tensão política significava que ele não estava vindo simplesmente para comer, beber e fumar com um punhado de velhos amigos. Ela sabia que tanto Lorde Asriel quanto o Reitor eram membros do Conselho do Gabinete, que era o órgão especial de assessoria ao Primeiro-ministro, de modo que a visita podia ter alguma coisa a ver com isso; mas as reuniões do Conselho do Gabinete eram feitas no Palácio, não na Sala Privativa da Faculdade Jordan.

Além disso, havia o boato que estava provocando cochichos entre os criados da Faculdade: dizia-se que os tártaros tinham invadido Moscóvia e estavam avançando rumo ao Norte, para São Petersburgo, de onde poderiam dominar o Mar Báltico e acabar conquistando todo o oeste da Europa. E Lorde Asriel estivera no Extremo Norte: na última vez em que ela o vira, ele estava preparando uma expedição para a Lapônia...

- Pan... - ela cochichou.

- Que é?

- Você acha que vai haver guerra?

- Ainda não. Lorde Asriel não estaria jantando aqui se a guerra fosse explodir na semana que vem.

- É o que eu acho. Mas depois?

- Psiu. Vem vindo alguém.

Ela sentou-se ereta e encostou o olho na fresta da porta. Era o Mordomo, entrando para verificar o pavio da lamparina, como o Reitor ordenara. A Sala de Estar e a Biblioteca eram iluminadas por luz anárquica², mas, na Sala Privativa, os Catedráticos preferiam as lâmpadas de nafta, mais antigas e mais suaves. Isso não mudaria enquanto o Reitor estivesse vivo.

O Mordomo aparou o pavio e colocou outra acha de lenha na lareira, depois escutou cautelosamente junto à porta antes de surrupiar um punhado de

folhas da tabaqueira. Mal tinha recolocado a tampa quando a maçaneta da outra porta girou, e ele deu um pulo, sobressaltado. Lyra tentou não rir. O Mordomo enfiou às pressas as folhas de fumo no bolso e virou-se para o recém-chegado.

- Lorde Asriel! - exclamou.

Um arrepio de surpresa gelou as costas de Lyra. Ela não conseguia vê-lo e tentou dominar a vontade de mudar de posição para avistá-lo.

- Boa noite, Wren - disse Lorde Asriel, naquela voz áspera que Lyra sempre escutara com uma mistura de prazer e apreensão. - Cheguei atrasado para o jantar. Vou esperar aqui.

O Mordomo parecia constrangido; só se entrava na Sala Privativa a convite do Reitor, e Lorde Asriel sabia disso. Mas o Mordomo viu também o olhar de Lorde Asriel fixo em seu bolso estufado e resolveu não protestar.

- Devo avisar ao Reitor que o senhor chegou?

- Não seria mau. Pode me trazer café.

- Muito bem, senhor.

O Mordomo saiu apressado, seu daemon trotando obedientemente atrás. O tio de Lyra foi até a lareira e estendeu os braços por cima da cabeça, espreguiçando-se e bocejando como um leão.

Estava usando roupas de viagem. Como sempre acontecia quando tornava a vê-lo, Lyra lembrou-se de quanto ele a assustava.

Agora estava fora de questão sair sem ser percebida; ela teria que esperar e torcer.

O daemon de Lorde Asriel, uma pantera branca, postou-se logo atrás dele.

- Vai mostrar as projeções aqui? - ele perguntou em voz baixa.

- Vou. Vai ser menos confuso do que irmos para o Auditório. Vão querer ver os espécimes também; daqui apouco vou mandar chamar o Porteiro. São tempos ruins, Stelmária.

- Você devia descansar.

Ele esticou-se numa das poltronas, de modo que seu rosto ficou escondido de Lyra.

- É, sim. E também mudar de roupa; com certeza, existe alguma regra de etiqueta que permite que eles me deem uma multa de uma dúzia de garrafas por entrar aqui sem estar vestido adequadamente. Eu precisava dormir uns três dias. Mas o caso é que... Houve uma batida na porta, e o Mordomo entrou, trazendo um bule de chá e uma xícara numa bandeja de prata.

- Obrigado, Wren - disse Lorde Asriel. - Aquilo ali sobre a mesa é Tokay?

- O Reitor mandou separá-lo especialmente para o senhor. - informou o Mordomo. - Há só três dúzias de garrafas do 98.

- Não há bem que sempre dure. Deixe a bandeja aqui ao meu lado. Ah, peça ao Porteiro para mandar as duas caixas que deixei na Portaria.

- Para cá, senhor?

- Sim, para cá, ora. E vou precisar de uma tela e uma lanterna de projeção, também aqui, também agora.

O Mordomo mal conseguia segurar o queixo de surpresa, mas conseguiu engolir a pergunta ou o protesto.

- Wren, você está esquecendo o seu lugar - disse Lorde Asriel. - Não me questione; apenas faça o que eu lhe ordeno.

- Muito bem, senhor - replicou o Mordomo. –Se posso dar uma sugestão, senhor, talvez seja melhor avisar o Sr.Cawson do que o senhor está planejando, senhor, senão ele ficará um tanto perplexo, se é que me entende.

- Está bem. Avise a ele, então.

O Sr. Cawson era o Administrador. Havia uma rivalidade antiga e bem-estabelecida entre ele e o Mordomo; o Administrador era mais graduado, porém o Mordomo tinha mais oportunidades de insinuar-se com os Catedráticos, e aproveitava cada uma delas. Ele ia adorar a oportunidade de mostrar ao Administrador que sabia mais do que ele sobre o que acontecia na Sala Privativa.

Fez uma mesura e saiu. Lyra observou o tio servir-se uma xícara de café, bebê-la de uma vez e servir-se outra, que passou a beber mais devagar. Ela estava perplexa: caixas de espécimes? Uma lanterna de projeção? Que teria ele de tão urgente e importante para mostrar aos Catedráticos?

Então Lorde Asriel levantou-se e virou as costas ao fogo. Ela o viu de corpo inteiro, e maravilhou-se com o contraste que ele fazia com o Mordomo gorducho, os Catedráticos curvados e lânguidos: Lorde Asriel era um homem alto, de ombros largos, fisionomia soturna e feroz, olhos que pareciam cintilar com um humor selvagem. Tinha o rosto de uma pessoa a quem se obedecia ou combatia - nunca poderia ser tratada como inferior ou digna de compaixão. Todos os seus movimentos eram largos e possuíam um equilíbrio perfeito, como os de um animal selvagem; dentro de um aposento como aquele, ele parecia uma fera presa numa jaula pequena demais.

No momento, sua expressão era distante e preocupada. O daemon aproximou-se e encostou a cabeça na cintura dele, e ele baixou os olhos para a pantera com um olhar enigmático, antes de voltar-lhe as costas e encaminhar-se para a mesa. Lyra de repente sentiu o estômago dar um nó, pois Lorde Asriel havia tirado a tampa do frasco de Tokay e estava enchendo uma taça.

- Não!

O grito abafado saiu antes que ela pudesse contê-lo. Lorde Asriel ouviu-o e virou-se imediatamente.

- Quem está aí?

Ela não conseguiu controlar-se: saltou para fora do armário e correu para arrancar a taça das mãos dele. O vinho voou, molhando a borda da mesa e o tapete, e a taça caiu e despedaçou-se. Ele agarrou a menina pelo pulso, torcendo-o com força.

- Lyra! Que diabos está fazendo aqui?

- Me solte e eu lhe conto!

- Primeiro vou lhe quebrar o braço. Como ousa entrar aqui?

- Acabei de salvar a sua vida!

Por um segundo os dois ficaram imóveis, ela a se retorcer de dor e fazendo uma careta para reprimir os gemidos, ele inclinado sobre ela, de testa franzida, como um trovão anunciando tempestade.

- Que foi que disse? - ele perguntou, em voz mais baixa.

- O vinho está envenenado - ela resmungou, quase sem abrir a boca. - Vi o Reitor colocar um pó branco dentro dele.

Lorde Asriel soltou-a e ela caiu no chão; nervoso, Pantalaimon esvoaçou para o ombro dela. O tio baixou os olhos com uma raiva controlada, e ela não ousou encará-lo nos olhos.

- Entrei só para ver como era esta sala - ela contou. - Sei que não devia ter feito isso. Ia sair antes que alguém entrasse, mas o Reitor apareceu e fiquei encurralada. O armário era o único esconderijo. E vi quando ele colocou o pó no vinho. Se eu não tivesse...

Bateram na porta.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Fronteiras do Universo 1 - A Bússola d..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).